

3p

Guerra ao cólera é mais difícil em Estado pobre

Sérgio Adeodato

De Norte a Sul do país, a maioria dos Estados desenvolve uma verdadeira estratégia de guerra para impedir o alastramento da bactéria do cólera no Brasil. Mas essa vigilância, que é forte nos Estados mais ricos e distantes do risco imediato da doença, é frágil na extensa fronteira da Amazônia com os países já dominados pela epidemia. A única exceção é o esforço concentrado em Tabatinga, onde o Governo tenta evitar a entrada da doença, mas a poucos quilômetros dali, na beira do rio Solimões, os índios ticuna continuam expostos ao colera.

A resistência dos Estados à invasão da bactéria esbarra em dois problemas: a desproteção das extensas fronteiras e as condições de saneamento das cidades — 60 milhões de brasileiros não têm rede de esgoto, 30 milhões não têm coleta de lixo e 15 milhões não recebem água tratada. Enquanto o ministro da Saúde, Alcení Guerra, comemora o sucesso do cerco feito em Tabatinga, onde apenas seis casos foram confirmados até o momento, no Acre, o Governo está aguardando do Ministério um helicóptero para inspecionar áreas de difícil acesso na fronteira com o Peru, onde há intenso fluxo de índios e de contraban-



Foto de Evaristo Borges

A falta de tratamento de esgotos e de coleta de lixo é um dos problemas na luta contra a contaminação

do de madeiras, atualmente fora do controle dos agentes de saúde.

O Governo acreano espera também Cr\$ 1 bilhão prometidos pelo Ministério para melhorar de imediato as condições de saneamento dos municípios de maior risco, como Assis Brasil e Brasiléia — apenas 27% da população do Estado têm serviços

de esgoto e água tratada.

Prevenção

Em Mato Grosso, na fronteira com a Bolívia, as cidades de risco, como Cáceres, continuam desassistidas pelo Governo estadual, que não tem verbas para fazer a vigilância sanitária dos barcos, carros e caminhões que entram no território brasi-

leiro, em muitos casos transportando contrabando. O Estado é terreno fértil para o cólera: somente 30% da população têm rede coletora de esgoto e água tratada.

Em Mato Grosso do Sul, cortada pela ferrovia do Pantanal, que transporta passageiros vindos da Bolívia para Campo Grande, não há inspeção sanitá-

ria nos ônibus que trafegam nos 426 quilômetros recentemente asfaltados que ligam Corumbá, na fronteira com a Bolívia, a Campo Grande. "Não temos dinheiro nem infra-estrutura para combater o cólera", admite o prefeito de Corumbá, Fada Gattasse.

"Estamos enviando técnico do Ministério para as possíveis portas de entrada do vibrião, como Cruzeiro do Sul, Manaus e Rio Branco", diz o ministro Alcení Guerra. "As dificuldades são naturais de uma doença que chega repentinamente e se alastra rapidamente. Temos que tornar nossas normas de vigilância sanitária e epidemiológica mais rigorosas. O modelo atual é antigo e até 1995 teremos um esquema mais eficaz", garante o ministro.

Sem encontrar resistência nas fronteiras, a bactéria pode invadir o país através dos Estados mais pobres até encontrar o arsenal de defesa que está sendo montado pelos Estados mais ricos — a maioria dos municípios está formando comissões de combate à doença, já há hospitais preparados para atender os primeiros casos, redes de laboratórios estão sendo montadas para fazer o diagnóstico, a água está recebendo mais cloro e passando por testes mais rigorosos de qualidade e navios e aviões

que chegam de áreas de risco são inspecionados.

São Paulo está lavando com produtos químicos os trens que trafegam pela Ferrovia da Morte, que liga Santa Cruz de La Sierra, na Bolívia, a Bauru, e verificando se há algum passageiro com sintomas da doença. Dobrou a quantidade de cloro na água que serve a capital e preparou 60 hospitais para receber os eventuais contaminados. O Rio de Janeiro concentra seus esforços na vigilância dos navios e aviões provenientes dos países onde o cólera já chegou e analisa com frequência a qualidade da água da Baía de Guanabara. O Governo está imprimindo milhões de folhetos explicativos para a população.

No Rio Grande do Sul, o alerta está na cidade de Uruguaiana, passagem obrigatória de muitas pessoas provenientes da Argentina, e em Rio Grande, que abriga um dos mais movimentados portos do país, por onde pode entrar a bactéria do cólera. Nessas cidades já há hospitais de sobre-aviso. No Paraná, a vigilância é maior nas estradas próximas à Foz do Iguaçu, fronteira com a Argentina, e no porto de Paranaguá, onde os navios não podem lavar seus porões antes de ser concluída a análise laboratorial de seus dejetos.

Handwritten numbers and marks at the bottom of the page, including a circled '278', '347', '7696', '8917', and '446'.